ENTREVISTA | **Cynara Bastos,** supervisora do Ibmec Carreiras

'As *transformações* do mundo nos desafiam a rever nossas *formações*'

Segundo especialista, cenário em constante mudança cria necessidade de evolução frequente, tanto em termos profissionais quanto pessoais

Alex Gomes
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

A beleza de ser um eterno aprendiz. A ideia que ecoa na frase imortalizada na voz de Gonzaguinha é exatamente o que tem orientado cada vez mais o meio acadêmico e o mercado de trabalho. O assunto do momento é o Lifelong Learning – um nome gringo e formal para o que o poeta já cantou.

No Brasil, o Lifelong Learning também é conhecido como educação continuada e trata essencialmente de manter-se atualizado e em constante processo de aprendizado. Isso envolve ter a mente aberta e a curiosidade ativa, bem como ter a humildade de entender que nunca saberemos tudo, que vamos viver aprendendo.

"A dica para quem vai ingressar na faculdade é estar aberto às transformações do mundo, um cenário mutante que a cada dia precisa de novos acrônimos para ser definido", afirma Cynara Bastos, supervisora do Ibmec Carreiras. Ela lida diretamente com o direcionamento e a orientação profissional dos alunos do Ibmec. Na entrevista a seguir, Cynara aborda as características e os desafios da educação continuada.

● O que um estudante de graduação pode fazer para já adotar o Life Long Learning?

Conversamos muito com alunos, mesmo os do ensino médio, que estão escolhendo as graduações. Digo que no passado havia a ideia de que o estudante iria estudar, se formar e assim estar pronto. Isso mudou. O mundo nos desafia a rever nossas formações, entender os principais desafios da área de atuação. A dica para quem está em um curso superior ou vai ingressar na faculdade é estar aberto às transformações do mundo, um cenário mutante que a cada dia precisa de novos acrônimos para ser definido, como o VUCA, que na tradução para o português se refere a Volatilidade, Incerteza, Complexidade e Ambiguidade. Isso nos desafia a perceber que temos de aprender continuamente, rever crenças e ideias tidas como imutáveis nas carreiras. Veja, por exemplo, o Direito, uma área tão tradicional, mas ao mesmo tempo com diversas mudanças, principalmente com o uso da tecnologia nos processos. Na Medicina, temos novidades revolucionárias, como as cirurgias remotas. Isso mostra ao jovem que é preciso romper com ideias preconcebidas.

● Há alguns temas que poderiam ser tidos como de utilidade geral, que todos deveriam aprender?

É sempre bom estudar temas de relevância universal, como a economia e o design thinking. O objetivo deve ser tornar- se um profissional T shaped. O termo é explicado a partir da imagem da letra T. O traço vertical do caractere seriam os conhecimentos da área de atuação, já os outros saberes diversos que agregam um diferencial são representados na barra horizontal, do topo.

● Como as empresas podem contribuir para estimular a cultura da formação continuada?

Primeiramente, devem ter a cultura do desenvolvimento e investir nisso. Promover ações que instiguem as pessoas a buscar mais saberes, incluir isso no plano de desenvolvimento individual, o PDI, dos colaboradores. Vale também desafiar os times a se relacionarem com outras áreas da empresa, contribuindo uns com os outros e expandindo o aprendizado. Quando os profissionais convivem com outras áreas, o interesse pelo conhecimento é estimulado. A empresa também pode criar plataformas de aprendizado que facilitem o acesso aos conteúdos e tenham recursos que instiguem as pessoas a ir além dos temas que já são de interesse. Os colaboradores podem ser motivados a ensinar. Quando mostram os talentos para o grupo, mesmo o pouco que sabem pode gerar um compartilhamento valioso que gera engajamento.

● Educação continuada pressupõe aprender sempre. Academicamente, é possível estabelecer um cronograma para esse aprendizado? Quando se deve priorizar uma pós ou um curso livre, por exemplo?

Acredito que sim. À medida em que se vai avançando na carreira, nas experiências de mercado, vão surgindo novos interesses, que não necessariamente estão vinculados a uma pós-graduação. Então é importante ter em mente, primeiro, o que a pessoa quer, quais são as opções disponíveis, quais cabem no seu bolso. É preciso também saber o que se almeja com o curso. Algumas vezes, será suficiente um curso mais curto, de extensão. Em outras, é necessário um aprofundamento maior, que será adquirido em uma pós-graduação. Tudo deve estar dentro de um planejamento de carreira mais amplo. Por exemplo: uma pessoa que acabou de concluir a pós pode esperar para ver como estará sua situação e seu interesse após um tempo, uns dois anos, para aí decidir o que estudar. Outra pode se comprometer a aprender algo novo a cada seis meses. É uma decisão pessoal. De toda forma, é importante que as pessoas também tenham compreensão do tempo de aprendizado. Aprender continuamente não significa que o avanço na carreira será meteórico. Nem tudo será fast. No geral, a pessoa tem de ter planos e metas de desenvolvimento, fazer uma reserva financeira, ter tempo para se dedicar, com energia psíquica e física, avaliar as opções. Vale também conversar com pessoas que já estudaram os cursos de interesse. Isso ajuda muito na decisão.

● E como estabelecer a cultura do aprendizado em meio a propagação do falso aprendizado, com as fake news?

Há um tempo, escrevi um texto sobre o conforto cognitivo, uma expressão utilizada pelo economista Daniel Kahneman no livro *Rápido e Devagar – Duas Formas de Pensar*, no qual falo sobre quando temos familiaridade e conforto com um tema e a tendência é tomá-lo como uma verdade. Um dos grandes perigos das fake news é justamente proporcionar um conforto cognitivo, que leva as pessoas a acreditar nelas. Sendo assim, temos de considerar o valioso valor da dúvida. Questione primeiro e pesquise muito.

● O lifelong learning colabora para um processo de aprendizado mais personalizado, não é? Quais são as vantagens disso?

Casa com a ideia de que somos cada vez mais livres para fazer nossas escolhas, de acordo com o que faz sentido para cada um. Eu, como psicóloga, decido estudar neurociência, porque tem a ver com meus anseios e planos e também posso estudar economia. E posso fazê-lo em suas diversas modalidades, o que é muito interessante. Mas há os riscos também. As opções são inúmeras, mas nem todas são boas escolhas, porque há muita oferta, de diversas escolas, nem sempre qualificadas para tal. Daí a importância de conhecer bem a escola ou empresa e tentar conversar com pessoas que já fizeram o curso.

● A bonança financeira e o reconhecimento profissional são levados muito em conta no momento de direcionar o aprendizado. Como incluir a felicidade e o bem-estar nesse processo?

Quando pensamos em nossa carreira, a felicidade é uma parte fundamental. Estamos acostumados a diferenciar a vida profissional da pessoal, mas a vida do ser humano é uma só. Acho que a felicidade na carreira envolve ver primeiro quem você é, seus anseios e o que justamente é a felicidade para você. A ideia não tem o mesmo sentido para cada um. Precisamos de uma jornada na qual encontramos satisfação. Não tem essa de que depois de atingir o sucesso iremos ser felizes. É um mito que nos iludiu. Só vou ter sucesso se eu for feliz.

IBMEC

> No passado, havia a ideia de que o estudante iria se formar e estaria pronto. Isso mudou

> Às vezes, será suficiente um curso mais curto, de extensão. Em outras vezes, é necessária uma pós

> Felicidade é parte essencial. A gente costuma diferenciar profissão de vida pessoal, mas o ser humano é um só

pressreader
PRINTED AND DISTRIBUTED BY PRESSREADER
PressReader.com +1 604 278 4604
COPYRIGHT © 2021 ESTADO DE S. PAULO (BR)
ALL RIGHTS RESERVED.